



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Formação Profissional.

## PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO, MÉTODO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS À SUPERAÇÃO DA RAZÃO QUE RECOBRE, MUTILA E OBSCURECE

Andressa Vitória da Silva Figueiredo<sup>1</sup>  
Helena da Silva Nascimento<sup>2</sup>  
Renata Cristina do Nascimento Araújo<sup>3</sup>  
Ruteleia Cândida de Souza Silva<sup>4</sup>  
Priscila Fernanda Magalhães Bruno<sup>5</sup>  
Thamara Rizzia da Silva Machado<sup>6</sup>  
Thayssa Cristina da Costa Gonçalves<sup>7</sup>  
Vitória Cravo Costa<sup>8</sup>

**Resumo:** Resultante de estudos bibliográficos, este trabalho tem como ponto de partida a produção do conhecimento enquanto pré-requisito essencial à formação e ao trabalho profissional, visto que é a sistematização da realidade social que permite a(ao) assistente social, através do método em Marx, apreender as intrincadas conexões do real e superar a razão aprisionada ao campo da imediaticidade.

**Palavras-chave:** Serviço Social. Produção de conhecimento. Método em Marx. Formação profissional. Imediaticidade.

**Abstract:** Resulting from bibliographical studies, this work has as its starting point the production of knowledge as an essential prerequisite to qualification and professional work, since it is the systematization of social reality that allows the social worker through the method in Marx, to grasp the intricate connections of the real and to overcome the imprisoned reason to the field of immediacy.

**Keywords:** Social Work. Knowledge production. Method in Marx. Professional qualification. Immediacy.

### Introdução

Este trabalho apresenta como objeto de estudo parte das discussões fomentadas ao longo da disciplina Pesquisa em Serviço Social I, ministrada no curso de Serviço Social da

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação, Universidade Federal do Mato Grosso, E-mail: vitoriacravo@hotmail.com.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, Universidade Federal do Mato Grosso, E-mail: vitoriacravo@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação, Universidade Federal do Mato Grosso, E-mail: vitoriacravo@hotmail.com.

<sup>4</sup> Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal do Mato Grosso, E-mail: vitoriacravo@hotmail.com.

<sup>5</sup> Estudante de Graduação, Universidade Federal do Mato Grosso, E-mail: vitoriacravo@hotmail.com.

<sup>6</sup> Estudante de Graduação, Universidade Federal do Mato Grosso, E-mail: vitoriacravo@hotmail.com.

<sup>7</sup> Estudante de Graduação, Universidade Federal do Mato Grosso, E-mail: vitoriacravo@hotmail.com.

<sup>8</sup> Estudante de Graduação, Universidade Federal do Mato Grosso, E-mail: vitoriacravo@hotmail.com.

Universidade Federal de Mato Grosso, no semestre letivo 2018/2<sup>9</sup>. Nesse sentido, em meio às discussões envolvendo a construção do conhecimento científico; a natureza, método e processo de pesquisa; técnicas e instrumentos predominantes nas diferentes modalidades de pesquisa; foi possível registrar contribuições relevantes sobre o processo de produção de conhecimento no âmbito do Serviço Social, apropriação do método em Marx e sua relação com a formação profissional.

De um modo geral, este estudo, baseado em contribuições bibliográficas e nas discussões formuladas em sala de aula, apresenta algumas formulações que precisam ser consideradas, tendo em vista a importância de tal discussão desde o Movimento de Reconceituação, sobretudo, mediante a ruptura com o conservadorismo próprio do Serviço Social tradicional e a aproximação ao pensamento marxista.

Isso porque, foi justamente esse movimento de ruptura com o conservadorismo e tradicionalismo da profissão que propiciou a reformulação, por exemplo, do Código de Ética da profissão, em 1993, e das Diretrizes Curriculares, em 1996, cujos pressupostos orientam a formação profissional na atualidade. Além de explicitar o amadurecimento teórico da profissão – não apenas na apreensão da ontologia do ser social, como também em termos de organização política –, numa perspectiva de superação do capitalismo e de defesa da liberdade – como princípio ético central – e da emancipação humana.

O que permitiu que o Serviço Social contemporâneo – como assinalado por Lara (2007, p. 74) – passasse a responder *por uma significativa produção de conhecimentos nas mais diversas áreas e subáreas das ciências sociais*. E tal condição resulta justamente das mudanças gestadas, principalmente, a partir dos anos de 1980, num momento em que *a profissão se inseriu como interlocutora das demais áreas do conhecimento e começou a responder pela sua própria produção teórica, permitindo maior destaque à pesquisa acadêmica*. Desde então, a pesquisa e, por extensão, a produção do conhecimento, tornou-se pré-requisito essencial à formação e ao trabalho da(o) assistente social, uma vez que é por meio da *sistematização de uma determinada realidade social, que o profissional consegue apreender as intrincadas conexões do real e, assim, construir um caminho mais seguro para se aproximar de respostas concretas tão almejadas nas suas intervenções*.

Por certo, esse conjunto de questões tomou visibilidade ao longo das discussões realizadas no decorrer da disciplina Pesquisa em Serviço Social I, instigando as(os) discentes, inclusive, a se debruçar em possíveis objetos de estudo, como este que ora se apresenta, cujo objetivo é discorrer sobre a produção do conhecimento, o método em Marx,

---

<sup>9</sup> No âmbito da disciplina, a metodologia utilizada se baseou na realização de Seminários e elaboração de um Relatório Final, o que permitiu, além do envolvimento de todas(os) as(os) participantes da disciplina – superando a ideia de que somente quem ministra a atividade é responsável pelo conteúdo –, a correção conjunta (com participação docente e discente) do conteúdo apresentado no Relatório, cujo resultado se traduz, dentre outras contribuições, na elaboração do presente estudo.

a formação profissional em Serviço Social e os desafios à superação da razão que recobre, mutila e obscurece, ou seja, aquela aprisionada ao campo da imediatez.

Não se trata aqui de um estudo apurado, mas nossa intenção é abrir o debate sobre as questões que se colocam e que as consideramos fundamentais não apenas à formação, mas também ao trabalho profissional e que se constituem grandes desafios intelectuais e operativos às(aos) estudantes e assistentes sociais. Nesse sentido, as discussões que seguem partem de um diálogo sobre a produção do conhecimento e o método marxiano de apreensão da realidade, adentrando, em seguida, justamente no debate específico da formação profissional.

## **1 A produção do conhecimento e o método marxiano de apreensão da realidade**

Em Marx aprendemos que é através do trabalho que o homem transforma a natureza para, enfim, satisfazer suas necessidades humanas. No entanto, ao mesmo tempo em que transforma a natureza, o homem também se transforma, criando as condições necessárias para o surgimento de novos conhecimentos (científicos, artísticos, filosóficos, dentre outros) e novas habilidades. Dessa forma, o trabalho não se limita apenas a sua finalidade imediata, mas permite ao homem – a partir das relações que estabelece com outros homens – reproduzir-se socialmente e adquirir novas habilidades e produzir conhecimento sobre a realidade social.

É nesse sentido que Lara, Lupatini e Tristão (2009, p. 65) esclarecem que “[...] o conhecimento da realidade social é uma condição perene do ser humano [...] sua produção elaboração e transmissão se alicerçam nas determinações materiais e históricas as quais o homem se desenvolve [...]”. Todavia, desde o século XIX, o modo de produção capitalista tem assumido

[...] características distintas adequadas a sua reprodução em determinadas bases materiais e históricas que [...] refletem na produção, elaboração e transmissão do conhecimento [...] e se caracteriza, predominantemente por assumir a forma de produção e reprodução do capital em escala eminentemente mundial, orquestrada cada vez mais pela forma mais absurda e feiticizada do capital [...] (LARA; LUPATINI; TRISTÃO, 2009, p. 66).

Exemplos dessas características, segundo esses autores, são as crises das décadas de 20 e 30 do século XIX, responsáveis pelo acirramento da contradição entre capital e trabalho no centro da economia política, cujos reflexos repercutem diretamente na produção, elaboração e transmissão do conhecimento. Sobretudo, porque, no âmbito da ciência da ordem burguesa não há, nos termos da teoria marxista, a preocupação em saber “[...] se este ou aquele teorema era ou não verdadeiro, mas se, para o capital, ele era útil ou prejudicial, cômodo ou incômodo, subversivo ou não” (LARA; LUPATINI; TRISTÃO, 2009, p. 79).

Como esclarece Lukács (1981, p. 122), as ciências sociais burguesas não conseguem superar uma *mesquinha especialização*, tornando-se esta (*especialização mesquinha*) o seu método. E essa especialização recebe influência do pensamento conservador que propõe a separação e criação de inúmeras áreas do saber, como a sociologia, economia e história, que embora tenham o mesmo ponto de partida (a produção e a reprodução da vida social), são estranhas entre si.

Nessa direção, o filósofo húngaro István Mészáros (2004, p. 291) aponta três aspectos que precisam ser considerados na análise sobre a constituição das ciências burguesas e a produção do conhecimento *no âmbito da organização e da divisão capitalista do trabalho*: 1) *a parcialidade e a fragmentação da produção intelectual individual*; 2) *as diferenças entre talento e motivação, assim como uma tendência à competição a elas associadas*; 3) *um antagonismo social historicamente específico, articulando em uma rede de complexos sociais hierárquicos que integram, em seu quadro, as tendências – em si e por si ainda indefinidos – dos dois primeiros, dando-lhes um sentido de acordo com suas determinações e imperativos estruturais*.

Os dois primeiros aspectos relata Mészáros (2004, p. 291), são elevados pelos defensores da ordem estabelecida à condição de *leis naturais* para *ignorar* por completo o terceiro; ou para *justificar as hierarquias estruturais existentes*<sup>10</sup>, que *apesar de todas as suas manifestações destrutivas, são apresentadas como inalteráveis em virtude de sua suposta correspondência com a ordem da natureza*.

Sob tal perspectiva, o método se apresenta como uma pauta de procedimentos alinhados com a concepção burguesa de ciências sociais. Nesta, a produção do conhecimento se dá mediante ao conhecimento defendido pela ordem vigente e/ou por meio da adoção de procedimentos que conciliam a fé cristã com um sistema de pensamento racional. Tanto um como outro ficam muito aquém da realidade social. E o máximo que alcançam é *conhecimento por conhecimento, pensamento pensando pensamento*, ou impressões restritas ao campo da imediatividade que reforçam aquela razão que recobre, mutila e obscurece a realidade, objetivada na empiria da vida social da ordem burguesa.

Na contramão dessa perspectiva, Marx constrói um método que emerge da realidade social. De cariz ontológico, radicalidade histórico-crítica e procedimentos categorial-articulados, o método marxiano permite investigar a conexão íntima do movimento real, numa perspectiva que permite ao sujeito apreender a historicidade e o caráter de totalidade do objeto estudado.

Para Marx, o método, antes de tudo, expressa a relação que permite ao sujeito apreender o movimento de um objeto – diferente, por exemplo, de Emile Durkheim que vê o

---

<sup>10</sup> Em momentos em que *as contradições da sociedade irrompem com uma intensidade grande demais para serem ignoradas*.

método como um conjunto de regras formais para lidar com o objeto –, o que pressupõe um sujeito (pesquisador): aberto ao objeto; e rico intelectivamente, capaz de se apropriar de um acervo teórico e cultural para deslindar as formas fenomênicas.

Nesse sentido, na perspectiva ontológica marxiana só é possível apreender o real por meio de construções de categorias, ou seja, mediante a um movimento de apropriação do objeto de estudo, em seus pormenores, analisando suas diferentes formas de desenvolvimento e a conexão íntima que há entre elas. Marx (2013) esclarece que é somente após esse movimento que *ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada*. É, por isso, que a perspectiva ontológica marxiana expressa um método de apreensão da realidade em que se estabelece uma profunda relação entre subjetividade e objetividade.

É a partir desse método que Marx analisa criticamente o modelo social emergente à sua época, buscando apreender as transformações do ponto de vista dos interesses de classe, deixando de lado qualquer possibilidade de apropriação de uma ciência neutra, de valoração universal. Muito diferente de uma ciência neutra, Marx propôs, segundo Lowy (2008, p. 19), uma *ciência revolucionária e proletária e, como tal, oposta (e superior) à ciência conservadora e burguesa dos economistas clássicos*. É, por tal, que se estabelece um *'corte' entre Marx e seus predecessores [...] um corte de classe no interior da história da ciência econômica*.

De fato, ao se apropriar do plano real, apreendendo o movimento do objeto e sua essência, Marx consegue nos oferecer uma teoria da gênese, consolidação, desenvolvimento e da crise da ordem burguesa. Oferece, portanto, uma teoria que expressa, no plano ideal, o circuito do movimento do real, por meio do recurso a um esforço intelectual capaz de apreender a essência das coisas e atingir a *coisa em si*, nos termos de Karel Kosik (2002).

Como a realidade não se apresenta imediatamente ao homem, a essência de uma dada realidade só se revela após o ato investigativo, que procura identificar a estrutura da realidade concreta, não em sua expressão fenomênica, mas numa visão de totalidade, ou seja: a partir das múltiplas determinações dessa realidade. E tal especificidade nos conduz a afirmação de que

[captar] o fenômeno de determinada coisa significa indagar, descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é atingir a essência. Sem o fenômeno, sem a sua manifestação e revelação, a essência seria inatingível (KOSIK, 2002, p. 16).

Mas a reprodução do movimento real do objeto no plano do pensamento não se refere a um reflexo mecânico. Isso porque, para Marx,

[...] o papel do sujeito é essencialmente *ativo*: precisamente para apreender não só a aparência ou a forma dada ao objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica [...] como um processo, o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo

de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação [...] ( NETTO, 2011, p. 25).

Muito diferente do método positivista – que defende a neutralidade axiológica do pesquisador –, em Marx, além de ficar explícita a relação entre sujeito e objeto, o *conhecimento concreto do objeto* se apresenta como o *conhecimento das suas múltiplas determinações* (NETTO, 2011, p. 45). Desse modo, quanto mais reflete as determinações do objeto, mais o pensamento reflete a sua riqueza de determinações. De acordo com Netto (2001, p. 37), é assim que se instaura a perspectiva teórico-metodológica da obra marxiana, permitindo alcançar a essência dos  *fatos objetivados na empiria da vida social na ordem burguesa*, determinando os *processos que os engendram e as totalidades concretas que constituem e em que se movem*. E é justamente essa perspectiva *que propicia – na dissolução da pseudo-objetividade necessária da superfície da vida capitalista – apreender e desvelar os modos de ser e de reproduzir-se do ser social na ordem burguesa*.

## **2 Formação profissional, método marxiano e produção do conhecimento em Serviço Social: construindo aproximações**

É partindo dos elementos mais gerais do método marxiano de apreensão da realidade que se torna possível pensar a fundamentação teórica do Serviço Social e as contribuições de Marx para a formação profissional. Inicialmente, é preciso reforçar que, para Marx, teoria é o conhecimento consciente de certo objeto para além de sua aparência. Para tanto, segundo Netto (2011, p. 22), é preciso buscar a essência do objeto, o que é possível *capturando a sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando a sua síntese*. Somente, assim, *o pesquisador a reproduz no plano do pensamento e mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, consegue reproduzir, no plano do ideal, a essência do objeto que investigou*. No entanto, advertem Lara, Lupatine, Tristão (2009, p. 65),

[...] a produção do conhecimento pode assumir dois papéis distintos: ser instrumento revolucionário que desvela a essência dos elementos que constitui e movem uma sociedade, demonstrando esse caráter contraditório e criando os alicerces para sua superação: ou ser instrumento apologético, num movimento antirrevolucionário que não demonstra nenhum compromisso com a explicação da realidade, mais apenas com sua conservação [...].

Como mencionado anteriormente, na sociabilidade burguesa, o conhecimento passa a ser um conhecimento raso e voltado para justificar a vida social sob os ditames do capital, uma vez que o capitalismo se apropriou do conhecimento de modo a obscurecer e manter a realidade social. Assim, ao invés de apreender as múltiplas determinações do movimento do real e propor a transformação da realidade social, o que se tem é: a) um conhecimento baseado num movimento rígido preestabelecido, preso ao campo da pseudo-objetividade, de caráter meramente descritivo que prioriza a dimensão instrumental e técnica, e esvazia o

real de suas dimensões econômicas, políticas, sociais, culturais, ideológicas; b) ou, um conhecimento que se volta a regras prescritivas que priorizam o conteúdo simbólico, as intencionalidades, o sentido das ações humanas.

No âmbito do Serviço Social, essas formas de conhecimento tem reforçado o conhecimento apologético próprio do Serviço Social tradicional, não permitindo a(ao) profissional ser capaz – por meio de aproximações sucessivas – apreender e intervir na realidade social para além do que está evidente, superando a já mencionada razão que recobre, mutila e obscurece.

Nos primórdios do Serviço Social a profissão esteve explicitamente voltada a atender aos interesses do capital por meio, principalmente, de sua vinculação aos postulados da Igreja Católica, constituindo-se numa profissão de cunho conservador e assistencialista. No entanto, conforme nos aponta Iamamoto (2013, p. 335), “[ao] longo dos três últimos decênios [do século passado], o Serviço Social no Brasil foi polarizado por um duplo e contraditório movimento: o mais representativo foi o processo de ruptura teórica e política com o lastro conservador de suas origens [...]”.

É a partir desse contexto que se consolida o Movimento de Reconceituação na América Latina, responsável por romper com as vertentes conservadoras presentes desde a gênese da profissão. Foi mediante a realização de seminários, encontros, conferências e mesas de debates, que as(os) profissionais passaram a repensar o contexto histórico, social, político e econômico em que se impõem relações sociais e que impacta diretamente na vida cotidiana do ser humano. No caso do Serviço Social, esse repensar implicou na mudança da postura teórica, política e cultural que expressam uma direção à dinâmica societária, acarretando, assim, uma transformação no modo de agir profissional voltada para uma formação e atuação qualificada através do arcabouço teórico que fundamenta a profissão.

Através desse Movimento foi desencadeada uma maior preocupação com a pesquisa no âmbito do Serviço Social, evidenciando – sobretudo nas universidades – a adoção de uma postura investigativa que, com o passar dos anos, passou a ser uma exigência para sistematização teórico-prática do exercício profissional. É nesse momento que a profissão se vê obrigada

[...] a refletir sobre a sua própria natureza. É então a partir do deslocamento de uma programação desenvolvida pela Associação Brasileira de Ensino no Serviço Social, nestas duas últimas décadas, principalmente nos primeiros anos de 1980, que é travado no interior do Serviço Social um debate polêmico sobre a construção do conhecimento (SETÚBAL, 2007, p. 31).

Ao processo de construção e reprodução da crítica da profissão, Setúbal (2007) acrescenta que é a partir das últimas décadas do século passado que a pesquisa se torna

cada vez mais recorrente, em grande parte, devido às exigências acadêmicas da pós-graduação. E ao colocar a pesquisa no centro de sua preocupação,

[...] o Serviço Social reconhece a sua complexidade como profissão histórica, inserida e construída no movimento real da formação social capitalista. Procura não se contentar com a aparência da coisa, descobre caminhos que conduzem à apreensão da essência da realidade e, com isso, justifica a razão do existir da teoria e da ciência (SETUBAL, 2007, p. 68).

É mediante esse momento que a formação acadêmica passou a ser pensada no contexto mais amplo de desenvolvimento da sociedade, no movimento de produção e reprodução das relações sociais e, portanto, no âmbito da totalidade da vida social. Desde essa época a formação acadêmica passa a considerar a polarização das relações e interesses sociais; as determinações mais gerais que incidem diretamente sobre o *ser* e o *vir a ser* das manifestações do cotidiano; e a presença de sujeitos historicamente constituídos – com projetos políticos, opções e posturas teóricas, políticas e culturais – que imprimem um direcionamento particular à dinâmica societária.

Dessa forma, a formação profissional no Serviço Social brasileiro tem impulsionado o processo de ruptura teórica e política com o lastro conservador, mediante apropriação de um método alicerçado na teoria social crítica e da construção de um patrimônio sociopolítico e profissional. No entanto, nos dias atuais, a profissão tem se deparado, como mencionado por Netto (1996), com o revigoramento de uma reação (neo)conservadora seja de forma explícita e/ou disfarçada, cuja aparência que a dissimula tem seu lastro apoiado na produção pós-moderna e na negação da sociedade de classes.

E esse revigoramento acontece em meio a mudanças societárias que referendam a reforma conservadora, inclusive, no âmbito da educação superior. Trata-se de um momento em que em todos os

[...] espaços a desigualdade social se aprofunda por meio de cortes de investimentos em políticas universais de proteção (sobretudo previdenciárias e laborais) e também através da eliminação de políticas pontuais (especificamente os programas destinados à regular a pobreza extrema), seja nas periferias transnacionais das nações mais ricas ou nas periferias dos países eternamente 'em desenvolvimento'. Isto tem reavivado conflitos e polarizações sustentadas no receituário ultraliberal e, com ele, formas de desigualdade social adensadas pela xenofobia, pelo aperfeiçoamento da repressão, pela barbárie declarada, pela banalização da democracia, pela absoluta relativização dos direitos inclusive nas suas formas mais elementares (os direitos civis) (LEWGOY *et al*, 2016, p. 11, grifos no original).

Mas mesmo que o trabalho e a formação profissional em curso estejam inscritos nessa realidade social, desde a transitividade do Serviço Social tradicional para o crítico – com destaque neste estudo para as mudanças expressas nas Diretrizes Curriculares de 1996 – estes (trabalho e formação profissional) têm se colocado na contramão desse movimento da realidade, em especial, a partir do momento em que o Serviço Social assume, formalmente, o suporte teórico-metodológico assentado na tradição marxista.

No que diz respeito à formação profissional, a apropriação da tradição marxista foi fundamental para superar a suposta cisão entre teoria e prática, erguida, sobretudo, no



processo de *modernização conservadora*, num contexto de sobreposição da dimensão interventiva da profissão e de interconexão da razão instrumental e da racionalidade formal-abstrata que desencadeia o que Guerra (2000) chamou de *metodologismo* e *instrumentalismo*<sup>11</sup>.

Nesse sentido, a formação profissional nos dias atuais resulta, justamente, de um movimento histórico que permitiu à profissão se renovar, criticar e romper com posturas teórico-metodológicas conservadoras, alinhadas com o projeto burguês de dominação. Foi a partir desse movimento que se construiu um novo perfil e direção profissional, cuja imagem social e autoimagem da profissão se colocam na contramão do movimento do capital, principalmente, em tempos de negação e de aniquilamento de direitos, intensificação da exploração, expropriação e de aprofundamento dos ideais de ultradireita.

Remando contra a corrente, a(o) assistente social passa a pensar uma prática profissional propositiva, criativa, articulada e crítica, fundamentada numa base teórica capaz de romper com o imediatismo, a superficialidade e a espontaneidade, próprios do cotidiano. E tal posicionamento se dá somente mediante a uma formação que, ao invés de privilegiar conteúdos programáticos que se apresentam como meros indicativos formais para cumprir requisitos legais de reconhecimento da formação acadêmica; assenta-se num aporte teórico, ético, político e cultural necessário para a intervenção *na* e *sobre* a realidade.

É somente assim, que a(o) profissional consegue alcançar as determinações que se colocam no movimento do real e se contrapor ao processo de reestruturação capitalista em curso (com suas implicações sobre o modelo de organização da produção e sobre o papel do Estado em sua relação com a sociedade civil); bem como aos suportes ideoculturais direcionados à passivização ou contenção/repressão dos sujeitos sociais, que guardam relação com perspectivas teórico-filosóficas que orientam a ação desses sujeitos, inclusive, no campo da formação profissional.

Mas se contrapor a essa perspectiva pressupõe situar a profissão no conjunto das relações de produção e reprodução da vida social e priorizar, além do caráter interventivo – mediante a sua intervenção no âmbito das expressões da “questão social” –, a dimensão investigativa, enquanto elemento essencial para a apreensão crítica da realidade social e da prática profissional.

---

<sup>11</sup> Esse *metodologismo* e *instrumentalismo*, segundo Guerra (2000): defende o Serviço Social enquanto técnica social, dotado de cientificidade, conferindo-o um ar de modernidade, mediante a adoção de modelos de intervenção profissional e de valorização dos procedimentos técnico-instrumentais; concebe o instrumental técnico do Serviço Social como um conjunto de instrumentos (que direcionam o agir profissional) e técnicas neutros que devem ser direcionados pela visão de mundo da(o) assistente social de acordo com suas finalidades, o que tem aprofundado o endeusamento do instrumental técnico; e entende a competência profissional vinculada à capacidade da(o) assistente social utilizar o arsenal técnico e aplicar os modelos de intervenção.

Pressupõe, portanto, a defesa do projeto de formação balizado nas Diretrizes Curriculares do curso de Serviço Social, cujos pressupostos se estruturam a partir de um conjunto de conhecimentos interrelacionados e sistematizados em três núcleos de fundamentação – teórico-metodológicos da vida social; da particularidade da formação sócio-histórica da sociedade brasileira; e do trabalho profissional –, o que permite apreender a formação profissional a partir de uma totalidade de conhecimentos – expressos nesses três núcleos –, *contextualizados historicamente e manifestos em suas particularidades* (ABEPSS, 1996, p. 8).

Reunindo os conteúdos necessários para a compreensão do processo de trabalho da(o) assistente social – enquanto eixos articuladores da formação profissional –, esses três núcleos se desdobram em áreas de conhecimento que traduzem pedagogicamente o conjunto dos componentes curriculares. Foi justamente mediante a sistematização desses três núcleos que foi possível romper com a visão formalista do currículo anteriormente vigente – reduzida a matérias e disciplinas –, assumindo estes um papel de articulação, numa perspectiva nova de realizar mediações a partir da unidade teoria e prática – enquanto eixo central de toda a formação profissional – e da articulação ensino-pesquisa-extensão (ABEPSS, 1996, p. 8-9).

Desde essas alterações, foi possível alcançar os diferentes níveis de apreensão da realidade social e do trabalho profissional, reunindo um conjunto de conhecimentos indissociáveis e imprescindíveis não apenas para a apreensão da “questão social”, mas também de suas particularidades na sociedade brasileira e de seu enfrentamento no âmbito da intervenção profissional. Nesse sentido, o projeto de formação em Serviço Social se alicerça sobre a indissociabilidade das dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa e sobre a relação entre teoria e realidade como pressupostos centrais.

Aliás, esse tem sido o caminho percorrido pelo Serviço Social diante de um cenário de aligeiramento da produção de conhecimentos nas universidades – que prioriza somente a obtenção de títulos –; de produção quantitativa e potencializadora do conhecimento produzido sob a ótica do capital; e de radicalização da ciência burguesa.

E se contrapor a esse cenário tem sido decisivo na defesa do projeto de formação e do projeto ético-político profissional fundamentado na teoria social crítica e centrado no fortalecimento de um perfil profissional crítico, reflexivo e propositivo, capaz de superar a separação entre teoria e prática, bem como se distanciar da leitura da realidade de forma imediatista, pragmática e circunscrita em si mesma.

Somente assim, o projeto de formação e o projeto profissional conseguem se contrapor à produção do conhecimento limitada à mera descrição das expressões da “questão social”, como também à formação centrada no *ensinar o fazer* e no *como fazer*,

próprio de um modelo de formação gerencialista que prioriza o imediato e os métodos descritivos ou, no máximo, prescritivos da realidade. Não por acaso que um aspecto essencial para superar esses modelos tem sido, no âmbito da profissão, a apropriação da perspectiva ontológica marxiana de apreensão da realidade no movimento de reconstrução dessa realidade como *concreto pensado*, enquanto síntese de múltiplas e complexas determinações, nos termos de Marx (2013).

### Considerações Finais

Ainda que marcado por *projetos individuais e societários diversos* em disputa<sup>12</sup>, o Serviço Social construiu nas últimas décadas do século passado um projeto de formação profissional que se contrapõe ao modelo imposto pela expansão acelerada do ensino superior privado — com destaque para o ensino a distância —, cujas implicações têm incidido sobre a qualidade e aligeiramento da formação, com a apropriação superficial da teoria e ênfase no *fazer*, no *como fazer* e em regras de procedimentos para se conhecer e/ou intervir na realidade.

Na contramão desse modelo, o projeto de formação construído coletivamente pela profissão, ao invés de privilegiar requisitos legais para a formação acadêmica, tem privilegiado um aporte teórico, ético, político e cultural que permite a(ao) profissional intervir *na* e *sobre* a realidade, como também permite a esta(este) alcançar as determinações que se colocam no movimento do real, situando a profissão no conjunto das relações de produção e reprodução da vida social.

Sendo assim, muito mais do que o caráter interventivo, o projeto de formação vigente também privilegia a dimensão investigativa, enquanto elemento essencial para a apreensão crítica da realidade social e da prática profissional, bem como no processo de produção do conhecimento. O que pressupõe a apropriação da perspectiva ontológica marxiana de apreensão da realidade, de modo a permitir a(ao) assistente social romper com o imediatismo, a superficialidade e a espontaneidade, próprios do cotidiano.

### REFERÊNCIAS

ABEPSS. Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social. Centro de Documentação e Pesquisa em Políticas Sociais e Serviço Social (ABESS/CEDEPS). **Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social** (com base no currículo mínimo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996). Rio de Janeiro: ABEPSS, nov. de 1996. Disponível em:

<sup>12</sup> Segundo Netto (2006), *o corpo profissional é uma unidade não homogênea, uma unidade de diversos* marcada pela coexistência de *projetos individuais e societários diversos* em disputa.

<[http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento\\_201603311138166377210.pdf](http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_201603311138166377210.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2019.

GUERRA, Yolanda Demétrio. Instrumentalidade do processo de trabalho e Serviço Social. *In: Revista Serviço Social e Sociedade*. n. 62. São Paulo: Cortez, 2000, p. 5-34.

IAMAMOTO, Marilda Villela. O Brasil das desigualdades: “questão social”, trabalho e relações sociais. *In: Revista SER Social*. v.15, n. 33. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Política Social (SER/IH/UnB) Brasília: SER/IH/UnB, jul. / dez. 2013, p. 326-342. Disponível em: <<http://www.cressrn.org.br/files/arquivos/FaPa1Oy8kQ65voJ4T345.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

LARA, Ricardo. Pesquisa e Serviço Social: da concepção burguesa de ciências sociais à perspectiva ontológica. *In: Revista Katáysis*. v. 10. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, janeiro-abril de 2007, páginas 73-82.

LARA, Ricardo; LUPATINI, Márcio; TRISTÃO; Ellen Lucy. O processo de mundialização do capital e sua forma “adequada” de conhecimento. *In: Revista HISTEDBR On-line*. n. Especial. Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR). Faculdade de Educação (FE). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas: HISTEDBR/FE/UNICAMP, mai. 2009, p. 65-91. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639528/7097>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista; MOLJO, Carina Berta; SILVA, José Fernando Siqueira da; SILVA, Maria Luduina de Oliveira e; SANT’ANA, Raquel Santos. Formação profissional em Serviço Social: de que se trata? (Editorial) *In: Revista Temporalis*. ano 16, n. 31. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). Brasília: ABEPSS, jan.-jun. de 2016, p. 9-19. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/14158>>. Acesso em 05 nov. 2018.

LOWY, Michael. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2008.

LUKÁCS, Georg. Marxismo e questões de método na ciência social. *In: NETTO, José Paulo (Org.); FERNANDES, Florestan (Coord.). Lukács: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1981. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

KOSIK, Karel. **A Dialética do Concreto**. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

NETTO, José Paulo. Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão. *In: Revista Serviço Social e Sociedade*. n. 50. São Paulo: Cortez, 1996, p. 87-132.

NETTO, José Paulo. **Crise do socialismo e ofensiva neoliberal**. São Paulo: Cortez, 2001.

NETTO, José Paulo. A construção do projeto ético-político do serviço social. *In*: MOTA, Ana Elizabete *et al.* (Org.). **Serviço social e saúde**: formação e trabalho profissional. São Paulo: Cortez, 2006. p. 141-160.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SETUBAL, Aglair Alencar. Desafios à pesquisa no Serviço Social: da formação acadêmica à prática profissional. *In*: **Revista Katáysis**. v. 10. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS). Curso de Graduação em Serviço Social (CGSS). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis: PPGSS/CGSS/UFSC, jan.-abr. de 2007, p. 64-72. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0710spe.pdf>>. Acesso em 05 nov. 2018.